

Antonio Peticov

Guido Arturo Palomba



O futuro, tinta acrílica e acrílico s/madeira, 16,0 x 13,5 cm, 1997

Meio ao neon, numa orgia de cores, se faz mágica, se faz exuberância, se faz arte, se faz Peticov.

Seus quadros transparecem a essência da alma, alma de mutante, quase marciana, que a este mundo tão monótono não pertence.

Em tudo uma surpresa, um olhar inovador, inusitado, inesperado.

Enxerga além do óbvio, com precisão matemática, colorido lisérgico.

Em todos os lugares cabe um charmoso "choque", um efeito singular.

Parece que a mente não tem pilares, é ampla, densa, passa por crises para parir tanta criatividade.

Tudo é magnético, impossível tirar os olhos.

A tudo faz brilhar, e descrevê-lo seria como a primavera, colorida e

ainda assim nunca se repete, não pede licença, vem e muda tudo com sua beleza.

Peticov é um artista nascido e criado na dita geração dos anos 70. É fruto maduro dessa interessante geração, que, na verdade, inicia-se nos anos 60 e tem forte ponto de identificação com uma substância que veio ao mundo quando Hoffmann, acidentalmente, ingeriu 250 microgramas de dietilamina do ácido lisérgico, LSD, e passou a descrever cientificamente os seus efeitos. Alguns estudiosos usaram-na para experiências com estados psicóticos, mas havia uma geração inflada de necessidades, ávida de ruptura, em busca de si mesma. E assim o LSD logo entrou pelo submundo. Veio Timothy Leary (da cultura hippie e apologista dos alucinógenos) e o movimento psicodélico, os estados místicos e os estímulos à criação artística, os protestos contra a guerra do Vietnã, os apotegmas "Paz e Amor", "Faça Amor, não faça Guerra". Na música, o *rock*, os Mutantes, os Beatles, John Lennon falando em "céus de goiabada, flores de celofane crescendo, táxis de jornal, pessoas de balaço, carregador de plasticina", fazendo jus aos efeitos do LSD, cuja sigla coincide com as iniciais do nome da música: *Lucy in the Sky with Diamonds*.

Peticov, nessa época, tinha loja psicodélica na Rua Augusta, na qual vendia pôsteres. Foi *beatnik*, amante de Jimi Hendrix, preso pelo regime político nos anos 70 (por dois meses, no Carandiru).

Em liberdade, rumou ao Velho Mundo, morou dois anos em Londres, quatorze na Itália e quase um outro tanto em Nova York.

Introvertido, extrovertido, pensamento, sentimento, percepção, intuição, tudo ao mesmo tempo?

Quem é esse grande criativo brasileiro, absolutamente inédito, pioneiro, único no estilo?

Seu *currículo* é poderoso, com exposições na Inglaterra, Suécia, Estados Unidos, Itália, França, China e outros países. No Brasil, já aos 19 anos, expôs no Salão Paulista de Arte Moderna, participou de duas Bienais, está nas principais galerias e museus brasileiros e seus trabalhos são objetos preciosos de colecionadores. É o atual presidente da Cooperativa dos Artistas Visuais do Brasil e um fiel Amigo de Martin Gardner.

Suas obras estarão expostas na sede da Associação Paulista de Medicina, de 20 de outubro a 20 de novembro. Venham vê-las e tentar decifrar a sua genialidade labiríntica.

Guido Arturo Palomba
é diretor cultural da Associação
Paulista de Medicina

Oração do médico da turma do jubileu de ouro da FMUSP

Luiz Antonio Nunes

Senhor, é com gratidão emocionada que me dirijo a Ti.

No início dos meus estudos, deste-me as primeiras palavras do conhecimento tão desejado, e com esse conhecimento veio a certeza e o poder real em cada domínio da realização, confirmando e testemunhando a tua presença, assim como quando me abriste o caminho da profissão escolhida.

Agradeço-te, Senhor, após 40 anos de exercício, a visão que me deste do ser humano e da doença, sempre humilhante, aterradora e dolorosa.

Agradeço-te, Senhor, pois me ensinaste a conjugar a frieza da técnica com a compaixão e a ternura pelo irmão doente.

Agradeço-te, Senhor, pois para exercer uma ciência imperfeita, um empreendimento de conhecimentos em estado de mutação constante, fundamentado muitas vezes em informações incertas, que deve contar com indivíduos infalíveis e, ao mesmo tempo, com vidas em risco, exige-se uma grande dose de sabedoria e amor para diminuir a distância entre o que sabemos e o que temos como meta. E creio que tu me deste um profundo reconhecimento tanto das limitações da ciência quanto da destreza e do talento humano.

Agradeço-te, Senhor, pois me fizeste reconhecer naquele que me procura em busca de tratamento alguém que precisa ser ouvido e compreendido, mais do que apenas ser tratado.

Agradeço-te, Senhor, pois, nesses 40 anos, me fizeste ator e expectador de importantes avanços no diagnóstico, no tratamento e na melhoria da qualidade de vida dos nossos pacientes. Das sangrias e das ventosas, evoluímos para medicamentos muito mais potentes, que podem curar cânceres, doenças cardíacas e depressões; as possibilidades da cirurgia tornaram-se quase infinitas; os exames computadorizados propagaram-se e tornaram-se mais resolutivos.

Agradeço-te, Senhor, por teres me permitido viver e exercer a profissão na década dos anos 90, quando novas descobertas médicas surgiram, promovidas pelo sucesso das ciências ditas exatas, como a física, a química e a informática, e que fez o interesse de nossa profissão voltar-se dos tecidos doentes para as moléculas e as células, os componentes elementares do mundo vivo; quando as pesquisas passaram a interessar-se pelas estruturas e pelas atividades do infinitamente pequeno.

Agradeço-te, Senhor, por teres me proporcionado testemunhar o início do enfrentamento das doenças, começando pelo tratamento das deficiências gênicas que as provocam, identificando-as antes do nascimento, ou permitindo transplantar sem risco de rejeição células ou órgãos inteiros, e finalmente pela execução do mapeamento do material hereditário humano, o que poderá levar a importantes contribuições no tratamento de muitas doenças. Permita-me, Senhor, dentro de tua bondade infinita, que eu possa testemunhar esta previsão.

Agradeço-te, Senhor, por manteres aceso, apesar de todo o progresso tecnológico vivenciado e disponível, o mesmo dever de humanidade para com aquele que a mim se entregou confiante: ofertando o sentimento de compaixão, dedicando-lhe o tempo de um olhar, oferecendo-lhe uma palavra de carinho ou demonstrando um gesto amigo.

Agradeço-te, Senhor, por me proporcionares mais este momento de felicidade de poder hoje estar aqui reunido novamente com o(a)s colegas e esposa(o)s.

Luiz Antonio Nunes
é médico assessor da APM

Monsenhor Luiz Fernandes de Abreu

Duílio Battistoni Filho

Dotado de personalidade marcante, este professor de História e Sociologia, imortal da Academia Campinense de Letras, grande tribuno, herói da Revolução Constitucionalista de 1932, sacerdote de muita piedade, nobre e varonil em suas ações, atraía também pelo seu talento e dinamismo. Poderíamos arriscar que, depois da Igreja, seu segundo amor foi São Paulo.

Descendia de ilustres estirpes paulistas, sendo seus pais Luiz Fernandes de Abreu e dona Ana Alves de Lima Abreu. O filho, mais conhecido por Luizinho, piedoso desde pequeno, nasceu em 3 de setembro de 1897, na fazenda Cabreúva, município de Campinas. Estudou nos seminários de Pouso Alegre e de Campinas, sempre se destacando, exemplarmente, pelo talento, pela aplicação e pela piedade.

Ordenado padre em 15 de agosto de 1922, seu primeiro trabalho foi cuidar da educação cívica e religiosa dos alunos do Colégio Diocesano de Campinas. Exerceu o apostolado paroquial em diversas localidades, como Pedreira, Amparo, Rio das Pedras, Serra Negra, Capivari, para citar algumas. De volta a Campinas, assume a paróquia do Sagrado Coração de Jesus, no bairro Botafogo.

Quando pároco de Amparo, tomou parte ativa na Revolução Constitucionalista de 1932, como capelão militar no Batalhão 23 de Maio, composto de 89 rapazes e dois oficiais da Força Pública. Inicialmente, o destacamento foi designado para o sul de Minas Gerais. Na divisa entre Socorro e Minas, os soldados acamparam, aguardando os reforços enviados por Aureliano Leite, com a missão de tomar Pouso Alegre, onde estava sediado o Oitavo Regimento de Artilharia das forças da ditadura getulista. Depois de um combate sangrento, com

inúmeras baixas, os paulistas renderam-se, apesar da chama de idealismo constitucional que os contagiava. Ao fim da revolução, o padre Luizinho foi indiciado e levado ao Rio de Janeiro, onde foi submetido a um Conselho de Guerra. Foi condenado e ficou preso até dezembro de 1932.

Defensor das causas nobres e paladino dos direitos democráticos, ingressou na vida pública ao ser eleito deputado à Assembléia Legislativa de São Paulo, em 1934, exercendo o mandato até 10 de novembro de 1937, dia em que foi implantada a ditadura do Estado Novo, sendo novamente aprisionado.

Depois de exercer atividades paroquiais em várias localidades, em 1939 torna-se professor da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, regendo a cadeira de Ciência Política e Social até junho de 1944, quando perde a cátedra ao ser mais uma vez aprisionado. Ativíssimo, nessa ocasião organiza o Congresso Eucarístico Diocesano, em Campinas, assim como a Obra de Adoração Perpétua ao Santíssimo Sacramento.

Foi capelão e professor de Ética Profissional na Escola Paulista de Medicina, em São Paulo, de 1947 a 1952. O fato curioso nessa época foi a sua especialização no estudo do hipnotismo e da parapsicologia, chegando a atender pacientes de várias localidades brasileiras.

Mais tarde, de 1957 a 1964, foi professor e vice-reitor no Seminário de Campinas. Graças ao seu empenho em prol das vocações sacerdotais, o número de seminaristas aumentou substancialmente, a ponto de receber elogios da Santa Sé.

Nos últimos anos de sua vida, foi capelão da PUC-Campinas, reitor do Templo Votivo, além de monsenhor catedrático do Cabido Metropolitano de Campinas. Dotado de um estilo primoroso, redigiu jornais e artigos em revistas especializadas. Certamente será lembrado por seus trabalhos literários, religiosos e históricos, sendo sua bibliografia composta de sermões, discursos parlamentares, estudos biográficos e históricos, além de sua monumental *História da Escola Paulista de Medicina*. Todo esse valioso patrimônio moral e cultural – que se transforma agora em legado de inestimável valor – mereceu o reconhecimento traduzido em inúmeros prêmios, títulos honoríficos, diplomas, comendas e medalhas nacionais e estrangeiras, honrarias que lhe permitiram abrir as portas de instituições as mais afamadas. É impossível abstrair a marcante feição humana desse ínclito sacerdote, dedicado a seus semelhantes, cuja amizade tivemos a honra e o privilégio de desfrutar.

Faleceu aos 97 anos, em 13 de março de 1995, querido pela cidade, graças à sua bondade e ao seu amor ao próximo. É oportuno o poema do poeta Maurício de Moraes dedicado ao emérito sacerdote:

*Soldado da paz,
soldado da lei,
soldado da justiça,
soldado do amor,
soldado prisioneiro,
soldado bandeirante,
Missionário de Deus.
Capelão Luiz de Abreu:
Sentido! A história te julga,
Soldado paulista por amor ao Brasil.*

Duílio Battistoni Filho
é membro da Academia Paulista
de História

A história do catamênio

Oswaldo Lacreta

os dois mais injustos castigos infligidos à mulher:
a menstruação e as dores do parto.

Anônimo

Vieio do grego *Katamenion* o vocábulo supradito, cujo significado é mês, o que muito bem caracteriza a perda

mensal de sangue pelos genitais, símbolo da maturidade feminina. É fenômeno fisiológico e cíclico. Menstruação é proveniente do latim *menstrua*, e novamente gregos e latinos se cruzam.

A maravilha despontou, a menina tornou-se adulta, as glândulas sexuais encetam atividade, a expressão do rosto transmuda-se, fica mais feminina, os olhos tornam-se significativos, mais enigmáticos, a voz mais melodiosa, acentuam-se as curvas do corpo, a languidez se manifesta, crescem os seios, afloram os pêlos genitais e axilares e aumenta o volume da bacia. Enfim, está na Bíblia: teus seios e cabelos aumentaram (Ezequiel 16,7).

Há, na língua portuguesa, numerosos apelativos para definir o evento e, por alguns serem jocosos, populares e desconhecidos, vale a pena citá-los.

Paquete, isto é, navio: meio de navegação que demandava um mês para ir e voltar da Europa – por isso, o uso com o mesmo significado de mensagem, negócio, perda, visita, regras, lua, tia-maria, tia-rosa, chico, rabeca boi (es-

tar de boi), pancada, abaixar o sangue e pingadeira do mês.

Ela aparece no Brasil entre 12 e 13 anos, em idade maior nos países frios, em torno de 15 e 17 anos, e desaparece nas brasileiras entre os 35 e 40 anos, em média.

Algumas fêmeas modernas a recebem mal, embora tipicamente ligada ao sexo, porquanto, se indagadas se ela ainda lhes ocorre, a resposta é pronta: “Graças a Deus, não. Por quê?”

É anti-higiênica, deselegante, por vezes álgida, a menina tem que se esmerar na limpeza dos genitais, denominada na nossa irreverente gíria “abaixar n’água”. Restringe-lhe a atividade social, física e profissional. O reaparecimento é aguardado com ansiedade nas mães com filhos, pois a ausência pode ser nova gravidez. É motivo de brincadeira por parte de amigos e amigas. Impede o coito, o que pode determinar atrito com o namorado ou esposo. O cão, animal inseparável, devido ao grande olfato, percebe a novidade e torna-se inconveniente. As mulheres invejam os manequins femininos porque não menstruam e exibem peças íntimas de tons variáveis e desenhos caprichosos.

É precedida da tensão pré-menstrual, como desânimo, distensão abdominal, turgescência das mamas, insônia, irritabilidade e edema nas pernas. É mais freqüente em pessoas habitualmente nervosas.

As populações antigas encaravam a manifestação de modo absurdo, conforme apontaremos.

A Bíblia nos fala da Eva sábia, de seu tempo habitual, da secreção feminina e da malatia do sexo.

Entre os cristãos, a premiada não podia se comunicar nem beijar imagens dos santos.

Para os judeus, ela era impura ou “tame”, e imundos os homens que se aproximassem ou a tocassem, os quais, para se libertarem da mácula, tinham de lavar as mãos. Elas permaneciam confinadas no lar, não podiam ser visitadas por parentes e por amigos, não lhes permitiam se alimentar acompanhadas, ir à cozinha e beber água. Terminadas as regras, eram obrigadas a matar duas abelhas.

Eram sujas também as damas egípcias, as árabes, as africanas, e as turcas tinham que se lavar três vezes ao dia e respeitar os preceitos de sua religião.

Apelidavam-na, os habitantes da velhíssima China, *King-bue*, ou seja, a proveniente dos genitais ou *yn-bue*, a qual tinha cinco cores: vermelho-claro, branco, preto, vermelho-carregado e azul.

Os persas as consideravam repelentes, e os indianos mantinham as esposas em lugar vedado, longe dos parentes e dos amigos. Os varões apenas podiam avizinhar-se até três passos. Eram-lhes negados contatos íntimos, e só o faziam depois de sanearem-se intimamente. As

que passeavam com um varão recebiam 20 chicotadas; as reincidentes, outras 20.

As indianas, além disso, eram confinadas em quarto especial denominado *Daschtansatan*, onde o sol não adentrava, deveriam permanecer distante do fogo, tinham que se molhar três vezes ao dia e não freqüentar igrejas. A falha poderia apontar gestação; então, dispunham-se nuas ao sol, implorando um filho. Qualquer menina permanecendo solteira aos 12 anos e havendo pretendente teria que beber o derramado sangue. Era, durante o incômodo, designada flor da casa da Deusa do Amor, sangue sagrado (*tirrapickerdu*) e abertura de uma flor. Ainda nesse país, a repetição era sinal de maturidade sexual. O homem que tivesse relações com senhora em plena sangueira, tinha que passar algum tempo a pão e água.

Os textos indianos pré-históricos dão nomeada à intrincada lenda a respeito da puberdade, conforme se relata.

Certa rainha, cuja filha menstruava, perguntou ao marido, o senhor entendido de seres humanos: "Diga-me como as mulheres receberam essa característica e como isso ocorreu há tempos." A explicação foi: "Certa vez, *Indra* matou com seu fulgurante raio, durante uma luta, o Semi-Deus *Visvarupa*, sobrinho dos inimigos dos moradores do castelo, descendente de *Tvas-tra*. *Indra* voltou ao castelo, mas não recebeu fama nem glória. A terra e todos os seres o chamavam de assassino dos brâmanes, e *Indra* disse para consigo: 'Que devo fazer para livrar-me desta ignomínia?'

Primeiro, ele se dirigiu ao planeta Terra e o convenceu a livrá-lo de uma parte da desdita; inclinou-se cortesmente e

entregou-lhe uma parte da dívida, dizendo: 'Se durante qualquer chuva formar solo muito salino e alagadiço, não o toque.'

A segunda parte da dívida *Indra* entregou aos rios, e a terceira, às rochas e às árvores, acrescentando: 'Se entre vocês aparecerem coisas estranhas durante as tormentas, é menstruação intocável; forma-se-á nas montanhas, simultaneamente, vermelhidão, a ser roçada, mas por pouco tempo.'

Entregues essas três magias, dirigiu-se a todas as mulheres, com as mãos em prece, proclamando: 'Recebam a quarta parte, mas fiquem atentas'; como todas assim ficaram, entregou-lhes a quarta parte com as palavras: 'Todos os meses vocês receberão o fluxo hemático por três dias, mas não poderão ser dedilhadas, e tão logo fiquem grávidas e tenham descendentes, vossas vidas estarão completas.' Concedida essa graça às senhoras, *Indra* se dirigiu ao Céu, liberto do crime de homicídio. Assim, em forma de saga, surgiu a sobrecarga cíclica e a impureza nas damas."

Os árabes tinham seus fadários. O homem e a mulher para eles conviviam há séculos, mas Eva não menstruava. Um varão, certa feita, raspou a axila com uma faca, recolheu o sangue numa tigela e o guardou. Curiosa, a mulher, aproveitando-se da ausência do marido, abriu a tampa do frasco, introduziu o dedo, retirou-o e, pensando que fosse mel, lambeu os dedos; porém, sentindo sabor diferente, cuspiu, chupou as falanges a fim de limpá-las e nada conseguiu – elas continuaram sangrentas. Lavou-as com água quente e nada mudou. Desesperada, indagou ao marido o que ele colocara no vaso. Ele

respondeu: "sangue." "Então por que ele não sai dos meus dedos?" A resposta foi: "Procure um sábio e indague o sucedido, e ele resolverá o mistério." O sabichão imperturbável aconselhou-a: "Vá para casa, introduza os dedos na vagina, retire-os e lambe-os." Assim foi feito, os dedos ficaram limpos e ela se tornou púbere!

Para os iranianos, significava criação do demônio. As mulheres permaneciam sob sua ação e daí o alto grau de impureza, sendo, naturalmente, desligadas da sociedade e impossibilitadas de ver as amigas. Mito vigente entre eles era o libelo da demônia e nonária *Dschahi*, desencadeadora da primeira menorréia. A fecundidade no primeiro coito só ocorreria se a puberdade viesse cedo.

Na Guiné, sua população usava a Lua como fonte da vinda do incômodo. A Lua, tida como um menino muito pequeno, todo revestido de cabelos loiros, apreciava seguir as habitantes durante a noite; assim ocorreu até que não se obteve notícia dele durante muito tempo. Certo dia, ouviram-se gritos, e uma camponesa casada o descobriu e o pôs num cesto; então, ele silenciou.

Após alguma pausa, ele voltou a vozear, e a mulher repetiu-lhe para aquietar-se se quisesse alimentar-se. Ela arran-



cou da terra um pedaço de cana, quebrou-o e lhe deu para comer. O menino dormiu com ela, que ficou grávida. O cônjuge culpou-a do pecado, ela negou, mas ele desconfiou, permaneceu atento e acabou por encontrá-los juntos; o mancebo se pôs a vociferar, e a mulher pediu para ele parar. O companheiro, entretanto, acendeu uma fogueira em torno da casa, o rapazola não pôde escapar e morreu. Seu sangue espalhou-se pelo firmamento e chegou à Lua. Esta se vingou, impondo a toda adolescente o fluxo periódico.

Os maoris da Nova Zelândia designavam o catamênio de doença mensal o *pabeke*, correspondente ao nascer da Lua *turu*, que era o verdadeiro marido das meninas — nada a substituíra.

Os lituanos apelidavam a vicissitude *seedi*, ou sangue, que também denotava útero.

No Japão, a infeliz tinha o mais alto grau de castigo: deveria trabalhar ao máximo, não poderia se banhar, nem praticar o coito para não se esfriar. Era o chamado *Shimokase*, ou vento de baixo. A fim de evitar a descida e manter a limpeza, amassavam pedaços de papel até formar bola do tamanho de noz e a aplicava na vagina; elas percebiam, pelo odor, quando a bola se impregnava e a substituíra por outra. Para mantê-la no lugar, envolviam o períneo com toalha, alcinha da *Kama*, isto é, cavalinho. As filhas do Sol Nascente davam ao distúrbio o crip-tônio *Gek-ke I megoe e geshin*, ou seja, melancia rompida. Suspenso o gravame, elas se banhavam e trocavam as vestes.

No antigo Portugal, o mênstruo manifestava-se depois da mordida de uma lagartixa, e as portuguesas dela se protegiam sobretudo à noite; nas Guianas Inglesas, elas também não saíam pela floresta ao escurecer para evitar dentadas de

serpentes; na Nova Guiné, as matronas evitavam os crocodilos.

Na Alemanha do século XVII, o pêlo retirado do monte de Vênus de donzela durante a menstruação transformava-se em serpente. O incômodo era designado rei vermelho, flor mensal, zenite, coroa rosada, carta (recebi uma carta).

Na Mesopotâmia, eram possuídas do demônio, recebiam 400 chibatadas e eram obrigadas a praticar magia com água e urina de vaca.

Em Uganda, a lua cheia ou min-guante provocava a expulsão hemática, e se uma mulher não o vertesse, o marido era morto; se ele fugisse, era ferido com uma lança para dar escoamento de sangue em compensação.

Outra coisa terrível que se praticava contra as mulheres veio da África: a excisão dos pequenos lábios e do clitóris.

Nas tribos da América do Sul, havia grandes comemorações quando uma índia sangrava pela primeira vez. Elas não se envergonhavam de mostrar as partes íntimas aos homens. As Bororos exibiam colar acinzentado que trocavam por outro, preto, durante o incidente. Simbolizava essa cor o espírito maligno.

As índias das Caraíbas escondiam o monte de Vênus por meio de conjunto de penas em forma de triângulo, com desenhos, para evitar deslizamento do sangue pelas pernas o *uluri*, preso à cintura por cordão, qual biquíni, que por sua vez era usado há cerca de 1.700 anos pelas banhistas romanas. O maiô moderno é cópia do biquíni, o qual não é criação dos ingleses nem dos franceses, que brigam para garantir a primazia. Pasmem

os leitores: ele nasceu no século IV depois de Cristo, há 1.600 anos, na antiga Roma, conforme foto anexada! Segundo jornalista famoso, o Império Romano foi o mais civilizador da história.

Os habitantes da Austrália, vizinhos do Rio Pennefathe, julgavam ser o fluxo provocado por uma ave de cerca de 40 cm, de bico longo, fino e curvo para baixo, quando era introduzido nos genitais das donzelas a fim de retirar mel para o pai *Orkan*.

Essa ave existe no Brasil, na foz do Rio Amazonas, sendo chamada *maçari-cão*, em analogia com o maçarico, ou *batuíra*. Tem penas pretas na cabeça e no dorso, peito branco e pernas vermelhas ou amarelas. O nome científico é *Numenius arquatus*.

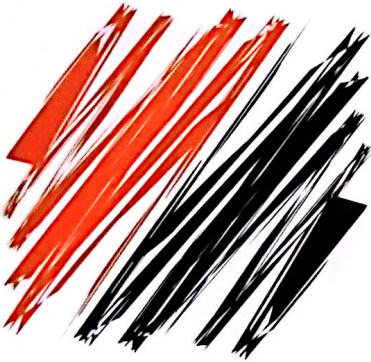
Na Nova Guiné, encontram-se grandes fragmentos de madeira, representando figuras grotescas como aves e jacarés saindo da vagina a simular a menstruação.

Esses nefandos acontecimentos deveriam desaparecer da história, mas infelizmente essa foi escrita pelos homens. Por que não punir os meninos à primeira ejaculação? Reside a discrepância no fato de o homem das cavernas ser ignorante e cruelíssimo e ter se aproveitado da sua força física para impor ao suposto sexo frágil tão pesado e inútil fardo e, o que é mais grave, aproveitando-se de manifestação fisiológica! Tudo foi inútil, porquanto, rolados os séculos, as filhas de Eva tomaram o lugar dos varões com galhardia!



Oswaldo Lacreta
é médico aposentado

A Bandeira Paulista sofrerá alteração?



No dia 14 de janeiro de 2004, o governador de São Paulo sancionou a Lei n. 11.658, que institui o dia 23 de maio como o Dia dos Heróis MMDCA, em homenagem aos combatentes da Revolução de 1932. Há modificação da famosa sigla que representa os combates paulistas; foi acrescentado um “A”.

O autor do projeto é o deputado estadual José Crespo (PFL). A nova lei refere-se a Alvarenga (Orlando de Oliveira Alvarenga), um dos mortos em combate em 23 de maio de 1932.

O projeto de lei do deputado Crespo baseou-se nas investigações do médico psiquiatra de Sorocaba doutor Hely Felisberto Carneiro, membro também do Instituto Histórico-Geográfico e Genealógico de Sorocaba, e do desembargador Emeric Lévy, coordenador do Museu do Tribunal de Justiça de São Paulo.

A Sociedade de Veteranos de 32 reagiu à mudança. Ela não foi consultada.

Essa lei foi aprovada com os votos dos paulistas natos e dos outros de adoção...

Aqueles que conhecem a poesia *A Santificada*, de Guilherme de Almeida, vão encontrar: “e por isso é que tem quatro letras gravadas nas quatro estrelas douradas do topo MMDC”. Perguntam então: a bandeira vai mudar?

Essa conotação de estrelas e os combatentes é verdadeira na poesia, mas não é correta quando se analisa a história da Bandeira Paulista.

Grande número de paulistas ignora que a sua bandeira não foi feita, inicialmente, para ser a do Estado Bandeirante. O seu autor, jornalista Júlio César Ribeiro Vaughan, tinha como intenção fazê-la servir como a nova bandeira do Brasil ao ser proclamada a República, de que Júlio Ribeiro era fervoroso partidário e para cujo aparecimento muito trabalhara.

A divulgação do modelo proposto por Júlio Ribeiro foi feita, pela primeira vez, no jornal *O Rebate*, em 16 de julho de 1888, poucos dias depois da abolição da escravidão. Entre outras explicações, dizia: “As cores branca, preta e vermelha simbolizam de modo perfeito a gênese do povo brasileiro, as três raças de que ele se compõe – branca, preta e vermelha. As quatro estrelas a rodear o globo, em que se vê o perfil geográfico do país, representam o Cruzeiro do Sul, a constelação indicadora da nossa latitude astral.” Reforçando a idéia de que ela tenha surgido como proposta de bandeira à nova República, é que vemos exibido um esboço do mapa do Brasil em sua cor azul dentro de um círculo branco.

De um certo modo, a bandeira alvinegra pode servir ao Estado Bandeirante por conter alguns tributos que nos são comuns (tanto a nós como ao País). Mas a verdade é que não foi feita para ser a nossa bandeira, ainda que viéssemos mais tarde a adotá-la, por ter sido São Paulo um grande foco de republicanismo.

Foi na fase pouco anterior ao Movimento Constitucionalista de 1932, durante e após esse período agitado, que a bandeira de Júlio Ribeiro acabou cristalizando-se como autêntico símbolo da terra e do povo paulista.

Antonio Lázaro Valeriani Marques

A Bandeira Paulista é a tradicional, de uso popular, consagrada na Revolução Constitucionalista de 1932 e somente oficializada pela Lei n. 145, de 3 de setembro de 1948, pelo doutor Adhemar de Barros, governador de São Paulo.

Outra curiosidade sobre nossa bandeira. A primitiva imagem da bandeira, vista no jornal *O Rebate*, mostra-nos composta de 15 faixas. Ora, da forma como hoje se apresenta, reduzida duas, acabou sendo a réplica fiel da bandeira norte-americana. Tal semelhança não é de se estranhar, pois assim foi feito também pelos republicanos do Rio de Janeiro, com a apresentação da conhecida “bandeira provisória da República”, a qual foi usada de 15 a 19 de novembro de 1889.

Era também formada de 13 listras horizontais, alternando-se as de cor verde com as de amarelo, tendo ainda um cantão preto no qual se encontravam 20 estrelas dispostas em quatro colunas, superpostas em cinco. Depois o cantão preto tornou-se azul.

Dia 19 de novembro de 1889 surgiu a bandeira oficial da República.

Parece que para atender as regras da heráldica, constataram que o número de 15 faixas não era bem proporcionado, faltando-lhe aquele equilíbrio necessário para conseguir a áurea proporção. Passaram então a desenhá-la com 13 faixas.

Em novembro de 1934, o poeta Guilherme de Almeida, ao dedicar-lhe poema arrebatador, identifica-a, de forma bem nítida, como sendo a “bandeira das treze listas”.

Antonio Lázaro Valeriani Marques

é médico em Bauru

Cantiguinha sem pé nem cabeça

você estreou
berço e banheira
maio passeou no carrinho
pisçou para o sol

rindo para a grande árvore

Tanguillo

apresentei-lhe o ficus
aquele a quem dedico sonhos
e se espantaram olhos
com tamanho verde
verde
que te quiero
lá pelas cinco
en punto de la tarde verde

Ciranda- cirandinha

guardo histórias
de memória e outras sei de cor
diz velha, a canção (cujo nome não
lembro)
ainda outras, com certeza, virão
sobre a vida de bichos
que então falavam
e hoje escutam sentimentos
assustados em gestos confusos
de garra e mão

tua vinda
– tanto tempo aguardada –
só de nela pensar emociono
semeou esperanças que suportam
mundo ciranda
em mãos de criança
(as tuas mãos)
rumor de palmas ao vento

Cantiguinha saudosa

tenho visto você tão pouco
espio com receio de acordá-la
falo baixo
como se estivesse na casa dos ve-
lhinhos
pego-a no colo embalo
tudo aos poucos
com medo de gastar momentos
em que por desajeitado
chore

mas a grande
a maior alegria
foi guardar teus
olhos cor-de-noite
azul e marinhos
olhos de profunda fundura olhos
que sem ver
adivinham pestanejar de pálpebras
adultos que não sabem brincar

pequenos momentos
pequenos do mar
de onde escapam peixes pingos
d'água salgada
marejo no escrever
avisos de partida

Caetano Lagrasta

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba – **Diretor Adjunto:** Alfredo de Freitas Santos Filho

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina [presidente (*in memoriam*)] / Carlos Alberto Salvatore /
Antônio Valdemar Tosi / Marisa Campos M. Amato / Rui Telles Pereira / Yvonne Capuano / João Marques Teixeira

Cinemateca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Aldir Mendes de Souza

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany – **Coordenação Musical:** Dartiu Xavier da Silveira